



SUPERSTIÇÕES E CRENDICES

Basílio de Magalhães no livro *O CAFÉ NA HISTÓRIA, NO FOLCLORE E NAS BELAS ARTES* escreveu o seguinte no tocante ao café na medicina e nas superstições do povo:

"Assim, o café forte é remédio caseiro contra intoxicações de tóda casta, quer puro, quer misturado com álcool. Puro e sem açúcar, é como se emprega para curar as camescas. Com conhaque queimado, serve para sudorífico benéfico às defluxões. Com aguardente boa, é o primeiro antídoto, no caso de envenenamento de origem desconhecida (v. "Vida roceira", de Leoncio de Oliveira, ed. de 1919, pág. 212). Tem ainda o povo a crença, talvez não destituída de fundamento, de que a borra do café, posta na água destinada às aves de criação doméstica, lhes evita o gôgo.

Entra ainda o café na composição de mandingas, entre as quais a de um filtro amoroso. Acredita piamente o sertanejo do Norte que, para demantar alguém, basta que se lhe consiga propinar café com algumas gotas do suor do cavalo, Afranio Peixoto, que, nas "Superstições populares, relativas à saúde, doença e morte" ("Revista da Academia Brasileira de Letras", 1912, n.º 10, págs. 231-248), recensou tudo quanto colheu de interessante a esse propósito, registrou a crença pela seguinte forma: "Queimar os cabelos produz loucura. O mesmo efeito produz café com suor de cavalo".

Adiante assinala:
"Embora não me socorra do latim "qui brave l'honnêteté", posso afirmar que o tal filtro de amor — "horresco referens" — consiste em alguns coagulos do fluxo catamenial da própria enfiteante, diluídos em café bem forte e bastante açucarado...

Há ainda outro processo, — menos repugnante, principalmente se se tratar de jovem hígida e aseada, — de preparação e aplicação do filtro amoroso, composto exclusivamente com o líquido da "coffea arabica": o café é coado na fralda de uma camisa com que tenha dormido a mulher, pelo menos duas noites consecutivas, e deve ser bebido pelo homem no mesmo dia, por duas vezes, ao almoço e ao jantar.

A forma anteriormente descrita é a que goza de mais vigor no espírito crendeirola da gente sertaneja".

A página 146 escreve:

"Cornélio Piras, nas "Conversas ao pé do fogo" (São Paulo, 1921, pág. 161), refere ter ouvido de preta velha esta "simpatia" contra a "coisa-feita" que tiver por veículo o café: — "Pegá a chieira de café com a mão esquerda, é bão: se tivé cum feitiço, avia da mão". Assim para não tragar o nojentito filtro, basta que o alvejado pela mulher se finja de canhoto, se realmente não o for.

Fornece o mesmo talentoso escritor paulista uma informação curiosa, colhida da dita negra anciã, e pela qual se verifica que na terra dos bandeiran-

tes é o coador de café que serve para as judiações a que as raparigas, com pressa de apanhar "il pesce raro, che chia fanno marito" (a expressão é de Stochetti), condenam alhures a imagem de Santo Antonio, especialista em casamento de moças, porque, para o maridamento de velhas, cabe tão despiciente função a S. Gonçalo de Amaranthe.

Narra ele (ob. cit. págs. 161-162):

— "E para casar, tia Pollicena?"

— "Isso é fácil Nhonhô. É p'ro garrá Santo Antonio e dipindurá ele p'ru peçoço e infirá drento do cuadó... Tá ali, tá síguro!"

Em Minas, não é o coador de café, e sim o fundo emborcado de um pilão (onde, é verdade, também se soca o café torrado), a prisão do taumaturgo lisboeta, que, às vezes, é amarrado a um dos pés da cama, cuja ocupadora a deseja transformar depressa em tá-lamo...

No tocante ao romance informa:

"Sei apenas de três romances bordados por brasileiros sobre a plantação da rubiácea ou sobre costumes de fazendas em que a mesma se cultiva. O mais antigo deve-se a Luiz da Silva Alves de Azambuja Suzano e tem por título "O Capitão Silvestre e Frei Veloso", ou a plantação de café no Rio de Janeiro — Romance brasileiro" (Rio de Janeiro, 1847, "in" 32 de 58 págs., que no ano seguinte foi republicado na "Folhinha Laemmert"). E obra de pouco valor literário e o seu enredo não se vincula a nenhuma ficção oriunda do nosso popular, capaz de fixar-se nêle. Apreciando aquela produção de Azambuja Suzano com segura competência e notório critério, dela disse Afonso Claudio, na sua "História da literatura espirito-santense" (Pórtó, pág. 140), que foi "uma sátira ao atraso dos fazendeiros da época". O fundo é histórico, pois que se baseia na propaganda do plantio do cafeeiro, na quadra em que por isso tanto se interessava o marquês de Lavradio; e, exagerando a boçalidade dos nossos compatriotas daquela era (o governo do dito vice-rei se estendeu aqui de 1769 a 1779), chega ao ponto de insinuar que eles não concebiam como de uma semente surgisse um arbusto ou uma árvore... O outro trabalho é uma novela, que ficou sepulta nas colunas de um dos jornais de Campinas, onde a inseriu Benedicto Octavio de Oliveira, mestiço de grande talento e tão cor-

reto prosador, quanto inspirado poeta. Não me recordo sequer do título que deu êle à mesma lembrando-me apenas de que todo o entreccho della girava sobre os costumes de uma fazenda do café, na qual já se fazia sentir a influência dos colonos italianos. O último escrito denomina-se "Colhendo — Romance de costumes paulistas" (Rio de Janeiro, 1914) e firma-o o pseudónimo "Nios" (que o meu preclaro amigo conde de Affonso Celso deve saber quem é, por ter sido o prefaciador do livro). Trata-se ao que me parece, de pena feminina, pela minúcia de certas observações (a capacidade analítica é ingênitamente mais desenvolvida na mulher do que no homem). Há nesse opúsculo, — "simples história de uma melancólica vida de mulher, que o acaso malfoizeo improvisou fazenda no interior de São Paulo", — cenas traçadas com sinceridade e côr local, embora poucas que interessam quanto a hábitos novos que porventura tenha criado e possa perpetuar ou generalizar a lavoura cafeeira".

E em nota ao pé da página:

"Pude descobrir, — sem nisso haver intervido o illustre prefaciador do romance — que este foi escrito pela Exma. Sra. Jo. Nina Felício dos Santos, a cuja pena já se deve outro igual trabalho sobre "O Acre".

Na parte destinada a Heraldica lembrou:

"Eliminada da bandeira republicana, — que foi ideada por Teixeira Mendes, — continuou, todavia, nas armas ora em vigor, para timbre dos papéis públicos".

O CAFÉ NA NUMISMÁTICA E NA MEDALHÍSTICA

E logo a seguir:
"Em moedas de emissão particular, representou-se simbolicamente a rubiácea durante muito tempo, e sob várias modalidades, na Inglaterra, por todo o século XVII, como se vê das peças originaes existentes no "British Museum" e na coleção Beaufoy do "Guildhall Museum" (W. H. Ukers, ob. cit., págs. 63 e 65).

Num período em que havia em Londres muitos cafés públicos, escasseando a moeda metálica divisionária, fizeram os donos de tais casas conhar, em forma de "jetons", half-pennies e pennies, em latão, cobre, estanho e até em ouro dourado. Refere J. H. Burn, em seu "Catalogue of trader's tokens", que o governo inglês processou e puniu em 1672 êsses concorrentes do monetário britânico, dos quais ainda se occupou a proclamação régia de 1674.

Dessas moedas ilegais, apenas três são completamente lisas no reverso: a do "Robin's Coffee House in Old Jewry", a do "Union Coffee House in Cornhill" e a do "Chapter Coffee House". São das maiores de tôdas as então fabricadas e as que mais se assemelham a "jetons". As duas primeiras não têm símbolo algum; apenas a terceira ostenta no centro uma thiara. E tôdas elas têm o algarismo "3", indicativo do valor corrente.

Companhia Bandeirantes de Armazens Gerais

Capital e Reservas: Cr\$ 230.000.000

ARMAZENS PROPRIOS

MATRIZ	FILIAIS
Rua do Comércio n.º 45 SANTOS	PARANAGUA Lins - Marília - Garça SAO PAULO